

Consumo de proteínas animais. Estudo arqueozoológico

CLEIA DETRY

Introdução

Neste trabalho são descritos os materiais zooarqueológicos recuperados nas escavações que decorreram na Rua António Joaquim Granjo, sítio arqueológico ocupado desde a Idade do Ferro até ao Período Islâmico.

Apesar de se tratar de um conjunto pequeno, apresenta algumas informações interessantes sobre a intervenção humana no centro histórico da cidade de Setúbal.

As espécies domésticas dominam na maior parte das fases cronológicas, mas ainda assim o veado (*Cervus elaphus*) está fortemente presente, revelando que a caça constituiu uma actividade importante desde o Período Romano até ao Período Medieval, provavelmente devido a um ambiente propício para esta espécie na região.

Outro aspecto interessante é a presença de suídeos no Período Islâmico, cujo consumo seria supostamente interdito segundo os preceitos islâmicos.

Os invertebrados (bivalves e gastrópodes) constituem também uma parte importante das dietas destas populações, o que não é de estranhar dada a proximidade geográfica da linha costeira.

Enquadramento Arqueológico

Os restos faunísticos analisados provêm de escavações realizadas na Rua António Joaquim Granjo nº 19, onde a descoberta mais relevante foi um mosaico policromo da Época Romana que integra um edifício da zona residencial (Tavares da Silva *et al.*, 2014).

As escavações revelaram vestígios de ocupação da Idade do Ferro que não integravam restos osteológicos. Os níveis romanos ofereceram ele-

mentos que são aqui analisados provenientes de unidades estratigráficas bem definidas e datadas, relacionadas com a ocupação residencial. Duas fossas de perfil oval (E7 e F7) com cerca de 1m de profundidade, foram datadas do período medieval islâmico; eram preenchidas com lixo doméstico que se traduziu numa grande quantidade de fauna.

A povoação romana de Setúbal parece ter sido um importante e dinâmico centro produtivo e comercial que se consolidou a partir do séc. I d.C. (Soares, 2000).

Continuando a crescer no decurso do Baixo Império, Setúbal sofre uma rápida desurbanização durante a Alta Idade Média; o porto mantém, contudo, alguma actividade comercial até ao séc. VI d.C. (Soares, 2000; Tavares da Silva & Coelho-Soares, 2014). Durante o Período Islâmico, a Rua Francisco Augusto Flamengo torna-se periférica e recebe uma necrópole (Tavares da Silva *et al.*, 2014).

Metodologia

Todos os grupos de animais foram registados e, sempre que possível, identificados ao nível da espécie, género ou família. Quando os fragmentos não apresentavam características que permitiam uma identificação de ordem taxonómica, foi utilizado o critério do tamanho para categorizar os materiais. Assim, dividiu-se em macrofauna (tamanho de vaca, veado ou cavalo), mesofauna (ovelha, cabra, porco) e microfauna (coelho, rato, anfíbios). Por fim, quando não foi possível chegar a qualquer identificação ou categoria foram remetidos como indetermináveis. As categorias de tamanho, embora não façam parte de uma classificação científica, podem ajudar na interpretação dos resultados, so-

bretudo no que toca aos elementos como as costelas e vértebras, zonas da carcaça com muita carne mas em que é muito difícil a sua identificação ao nível da espécie.

Os invertebrados (bivalves e gastrópodes), bem como os vertebrados, incluindo anfíbios, répteis, peixes, mamíferos e aves, foram analisados e tidos em conta para a interpretação do sítio.

Quanto ao registo dos aspectos morfológicos dos restos analisados, nos invertebrados foi distinguido quando estava presente apenas um fragmento, charneira, apex ou concha completa. Nos vertebrados foram diferenciados os vários ossos presentes (eg. úmero, fémur, astrágalo, etc.) e a parte presente (eg. distal, proximal, diáfise, fragmento, etc.). Fragmentos de ossos longos foram distinguidos de vértebras, costelas, crânio e outros indeterminados.

Nos mamíferos registou-se ainda o desgaste dos dentes, utilizando as escalas de padrão de desgaste definidas por Grant (1982), no caso dos suídeos e vaca; a escala de Payne (1987) para a ovelha e cabra.

Quanto à osteometria, seguiram-se os critérios definidos por Angela von den Driesch (1976), adicionando-se ainda o HTC (altura central da tróclea) no úmero definido em Payne & Bull (1988).

Resultados e discussão

No total foram recuperados e inventariados 3494 restos de animais, dos quais 3147 são de invertebrados e 347 de vertebrados. Dos invertebrados, 355 são gastrópodes e 2792 de bivalves. Os vertebrados estão representados por 165 restos de espécies de mamíferos, 112 de aves, 62 de peixes, sete de répteis, e por fim apenas um de anfíbio. Relativamente a 862 elementos não foi possível identificar ao nível taxonómico, mas apenas de acordo com o tamanho, sendo 307 pertencentes a animais de maior porte (macrofauna), 303 de médio porte, 29 de microfauna e 216 indeterminados. A maioria dos elementos osteológicos não foram identificados morfológicamente dado que o seu tamanho e degra-

dação impediram observar critérios que permitissem a sua classificação.

Verifica-se que na proporção dos restos dos principais grupos de animais recuperados os mais abundantes são os invertebrados (gastrópodes e bivalves). Os mamíferos são o terceiro grupo mais frequente, seguido das aves e dos peixes. Os répteis e anfíbios apresentam uma frequência vestigial.

Apesar de cada indivíduo vertebrado produzir normalmente mais de duas centenas de ossos e os invertebrados apresentarem apenas uma concha, ou duas, no caso dos bivalves, cada indivíduo invertebrado produz uma quantidade útil de carne muito reduzida, quando comparada com os mamíferos ou mesmo aves. Apesar desta diferença acentuada entre os grupos, é evidente a importância dos bivalves e gastrópodes na dieta destas populações; os mamíferos e em menor grau as aves contribuíram também de forma determinante para a dieta das mesmas populações.

Invertebrados

Os invertebrados são, na sua esmagadora maioria, constituídos por moluscos marinhos. Destes conjuntos, 157 fragmentos de conchas (Período Islâmico), oito (Alto Império) e um (Baixo Império) foram identificados de modo mais abrangente como moluscos. A maioria dos restos não identificáveis datam dos períodos mais recentes, nomeadamente de um contexto de fossa (E7), onde provavelmente os níveis sofreram maior pisoteamento que terá fragmentado mais as conchas, tornando-as não identificáveis.

Os únicos invertebrados não moluscos encontrados foram restos de crustáceos cirrípedes, especificamente de *Balanus* sp. Vulgarmente denominados por cracas, trata-se de animais sésseis. No caso dos restos da Rua António Joaquim Granjo, 19, estes espécimes são relativamente mais frequentes durante o Período Romano; no entanto, dado o facto destes elementos serem todos muito pequenos, é provável que tenham vindo ligados a conchas de moluscos e não recolhidos intencionalmente para consumo.

Quadro 1 - Número de restos de Invertebrados recuperados nas escavações da Rua António Joaquim Granjo (Setúbal).

	P. Romano 1ª metade séc. I d.C.	P. Romano 2ª metade séc. I d.C.	P. Romano Baixo Império	Período Islâmico
Mollusca		8	1	157
Cephalopoda				
<i>Sepia officinalis</i>			1	5
Gastropoda		1		10
<i>Patella</i> sp.	5	2	1	17
<i>Gibbula umbilicalis</i>			3	2
<i>Turritella communis</i>	1			
<i>Melanella alba</i>			2	4
<i>Murex</i> sp.			3	5
<i>Hexaplex trunculus</i>		12		18
<i>Stramonita haemastoma</i>		2		7
<i>Phorcus lineatus</i>	27	14	129	43
Helicidae			9	32
Bivalvia				
<i>Glycymeris</i> sp.	1			7
<i>Mytilus edulis</i>	180	76	91	237
<i>Mimachlamys varia</i>				1
<i>Palliolum striatum</i>				1
<i>Pecten maximus</i>	1	1		30
Ostreidae	1	31	25	102
<i>Ostrea edulis</i>		37	22	23
<i>Laevicardium</i> sp.				1
Cardidae		2	1	2
<i>Cerastoderma edule</i>		23	18	11
<i>Acanthocardia</i> sp.		1		14
<i>Lutraria</i> sp.				48
<i>Lutraria magna</i>				57
<i>Solen</i> sp.	5	2	12	226
<i>Venus verrucosa</i>		25	8	18
<i>Callista chione</i>	4	11		18
<i>Ruditapes decussatus</i>	166	147	35	1069
<i>Polittapes rhomboides</i>				1
Crustacea				
<i>Balanus</i> sp.	5	1		
TOTAL	396	396	361	2166

Nos moluscos, os cefalópodes, raramente encontrados, visto possuírem apenas uma concha interna bastante frágil, que facilmente sofre com a erosão, encontram-se representados apenas por

um fragmento de concha interna de *Sepia officinalis* no horizonte do Baixo Império e por cinco fragmentos no do Período Islâmico. A verdadeira importância desta espécie é difícil de avaliar, es-

tando muito provavelmente sub-representada nestes contextos, dada a fragilidade da concha interna.

Quanto aos gastrópodes, na primeira metade do século Id.C. estes são claramente pouco abundantes, apresentando alguns elementos de *Phorcus lineatus* (burrié) e *Patella* sp. (lapa) (Quadro 1). Na segunda metade do século I d.C. foram encontrados cerca de 12 elementos de *Hexaplex trunculus*, búzio apreciado por produzir púrpura tíria; a sua presença pode talvez dever-se à produção desse pigmento.

No Baixo Império, o gastrópode mais frequente é de longe o burrié (*Phorcus lineatus*), uma espécie marinha de substrato rochoso. Esta espécie seria provavelmente recolhida em praias rochosas, de forte influência marítima.

Alguns fragmentos ocasionais de pequenos helicídeos foram encontrados também nos níveis desta cronologia. Sendo estes gastrópodes terrestres frequentemente intrusivos, enterrando-se em locais húmidos e ricos em matéria orgânica, é muito provável que estes elementos não tenham sido consumidos.

A *Melanella alba* aparece representada por dois elementos nos níveis datados do Baixo Império e quatro elementos nos níveis do Período Islâmico. Esta espécie é parasita de ouriços do mar e tem um tamanho bastante reduzido; normalmente não faz parte da dieta humana. A sua reduzida abundância indicia que pode ter sido trazida de modo não intencional para o sítio arqueológico, talvez mesmo com ouriços do mar dos quais não temos evidências. A concha dos ouriços do mar fragmenta em pequenas peças que dificilmente se recuperam devido ao seu pequeno tamanho, explicando talvez a sua ausência no conjunto.

Outra espécie de gastrópode rara e que dificilmente conseguimos perceber o seu significado na dieta é a *Gibbula umbilicalis*, apenas com dois elementos nos níveis do Período Islâmico e três conchas no Baixo Império.

Quanto aos bivalves, é a classe de invertebrados mais frequente no conjunto faunístico da Rua António Joaquim Granjo, em toda a diacronia de ocupação.

O Período Islâmico é o que possui maior di-

versidade específica, bem como maior amostra.

Os mais raros neste conjunto são uma valva de *Mimachlamys varia*, uma de *Palliolum striatum*, *Polittapes rhomboides* e outra de *Laevicardium* sp. todas a aparecerem apenas nas camadas do Período Islâmico. Estas espécies dificilmente fariam parte dos hábitos de consumo das pessoas que produziram os despejos aqui analisados.

O género *Glycymeris* encontra-se representado por apenas uma concha no Alto Império e por sete no Período Islâmico, constituindo menos de 1% da amostra em ambos os casos. Estas conchas apresentam, todas, um elevado grau de erosão (muito provavelmente por não terem sido capturadas vivas, mas por terem sido recolhidas com outras conchas na praia). A castanhola vive normalmente a grandes profundidades, sendo impossível a sua recolha em épocas tão recuadas, dado que são necessárias técnicas de arrasto que só são possíveis com tecnologia moderna. O seu reduzido número reforça a hipótese de não terem interesse alimentar neste contexto.

A *Cerastoderma edule*, ou berbigão, aparece muito pouco representada, com um máximo de 0,5% na segunda metade do séc. I d.C. É uma espécie de interior de estuário que tolera níveis baixos de salinidade. Do mesmo modo, alguns elementos de *Acanthocardia* sp. e de *Callista chione* constituem valores inferiores a 0,5%, tornando-as insignificantes na amostra.

A *Lutraria oblonga* é uma espécie de bivalve marinho com uma concha relativamente grande. Esta espécie aparece apenas nos níveis islâmicos, chegando a atingir 5% da amostra, sendo ainda assim uma espécie pouco importante na dieta destas populações, representando talvez uma captura oportunista. A *Pecten maximus* (vieira), do mesmo modo, aparece ocasionalmente nos períodos mais antigos, atingindo valores um pouco superiores no Período Islâmico.

As ostras surgem em número reduzido, mas chegam a atingir os 10% na segunda metade do séc. I d.C.; diminuem ligeiramente nos períodos seguintes. Apesar de se tratar de uma espécie normalmente apreciada no Período Romano, não parece ter tido ainda assim um papel relevante neste

sítio arqueológico. A *Ostrea edulis* normalmente tolera ambientes lodosos de baixa salinidade, tal como a *Solen* sp., uma espécie com valores também reduzidos, mas que atinge os 10% no Período Islâmico. A *Venus verrucosa*, ou pé-de-burro, aparece em números igualmente reduzidos em todos os períodos, mas é típica de ambiente arenoso marinho de intramarés.

Por fim, resta-nos referir a presença das espécies mais abundantes em todos os períodos: o mexilhão (*Mytilus edulis*) e a ameijoia-boia (*Ruditapes decussatus*), espécies que ainda hoje possuem elevado interesse alimentar. No entanto, provêm de nichos ecológicos diferentes: o mexilhão tolera salinidades mais baixas mas necessita de um substrato fixo, ao contrário da ameijoia que se localiza em areia de ambiente marinho.

Na primeira metade do séc. I d.C. estas duas espécies constituem quase 90% da amostra, revelando que neste período a diversidade de espécies recolhidas era muito reduzida. A dependência da população relativamente a estas duas espécies diminui grandemente nos períodos seguintes; o seu interesse passa também a abranger, em especial, os ostreídeos na segunda metade do século I d.C. e os gastrópodes no Baixo Império. No Período Islâmico, a ameijoia aumenta ainda mais a percentagem, chegando aos 50%, sendo claramente a espécie mais recolhida, mas o mexilhão diminui bastante, sendo a recolha de bivalves ainda assim muito mais diversificada.

Vertebrados

Teleostei

A maioria dos restos osteológicos de peixes não foi identificada ao nível da espécie, tendo uma pequena parte sido identificada com a ajuda da Sónia Gabriel, do Laboratório de Arqueociências da Direcção Geral do Património Cultural (LARC-DGPC).

Os peixes constituem, em todos os períodos, percentagens inferiores a 10%. Os restos ictiológicos requerem normalmente redes de crivo muito

finas para serem recuperados, o que pode ajudar a explicar a reduzida quantidade de restos deste grupo apesar de se tratar de um sítio costeiro.

De um total de 60 restos ictiológicos, dois provêm dos níveis datados da primeira metade do século I d.C., seis da segunda metade do séc. I d.C., 14 do Baixo Império, e a maioria dos restos, 48 elementos, do Período Islâmico, incluindo um espigão da cauda de *Myliobatis aquila*. Outros elementos que foi possível identificar à espécie são as mandíbulas de sparídeos, com um a dois elementos em todas as cronologias (Quadro 2).

Amphibia

Nove elementos foram atribuídos ao sapo-comum (*Bufo bufo*), com várias partes do esqueleto, como úmero, fémur, pélvis, entre outros, e bem conservados, contabilizando pelo menos dois indivíduos (um deles com esqueleto quase completo). Todos estes elementos provieram da mesma camada (fossa E7) e foram datados do Período Islâmico. No caso dos anfíbios, é necessário colocar a hipótese de intrusão: estes animais normalmente hibernam enterrando-se no sedimento, onde podem morrer, integrando muitas vezes os contextos arqueológicos sem estar realmente relacionados com a ocupação humana. O facto de estes restos estarem depositados a uma reduzida profundidade reforça a hipótese de serem intrusivos. Foi ainda recuperado um osso longo, também de cronologia islâmica, mas a 70 cm de profundidade, sendo provavelmente uma intrusão contemporânea da ocupação.

Uma pélvis de sapo-comum foi encontrada noutro contexto datado do Baixo Império; também neste caso não é possível excluir a possibilidade de intrusão.

Testudines

Foram recuperados seis fragmentos de carapaça de cágado da espécie *Mauremys leprosa*, uma espécie comum na Península Ibérica, todos

Quadro 2 – Número de restos de Vertebrados recuperados nas escavações da Rua António Joaquim Granjo (Setúbal).

	P. Romano 1ª metade séc. I d.C.	P. Romano 2ª metade séc. I d.C.	P. Romano Baixo Império	Período Islâmico
Teleostei	1	4	12	45
Sparidae	1	2	2	2
<i>Myliobatis aquila</i>				1
Amphibia				1
<i>Bufo bufo</i>			1	9
Reptilia				
<i>Mauremys leprosa</i>				7
Mammalia		36	67	113
Macrofauna	3	66	33	205
Mesofauna	3	45	63	192
Microfauna			4	25
Bovidae			2	
<i>Bos sp.</i>		3	5	2
<i>Ovis/Capra</i>		9	17	27
<i>Capra hircus</i>				2
<i>Ovis aries</i>			1	1
<i>Cervus elaphus</i>	1	7	11	13
<i>Sus sp.</i>		9	19	7
<i>Oryctolagus cuniculus</i>		2	4	19
<i>Canis familiaris</i>		1		
<i>Canis lupus</i>			1	
<i>Ratus ratus</i>				1
<i>Vulpes vulpes</i>		1		
Aves		7	3	39
Galiformes				4
<i>Gallus domesticus</i>	1	1	5	38
<i>Alectoris rufa</i>	1	2	2	3
<i>Anas sp.</i>		1		1
<i>Anser anser</i>			2	
<i>Columba palumbus</i>		1	1	
TOTAL	11	197	255	757

provenientes do mesmo contexto (fossa F7), datado do Período Islâmico. Esta espécie seria consumida, embora, neste caso, não se encontrem marcas de corte ou de fogo provando esse consumo.

Os restos contabilizados correspondem apenas a um indivíduo, mostrando que embora pudesse ter participado na dieta humana seria um recurso ocasional.

Mamíferos

A classe Mammalia representa o conjunto de vertebrados mais numeroso.

O veado (*Cervus elaphus*) é a única espécie de mamífero presente nos níveis datados da 1ª metade do século I d.C., estando reduzido a um fragmento da ponta de uma haste. Dado que as hastes de

cervídeo, presentes apenas nos machos, se soltam todos os anos a seguir à época do cio, sem a presença da base da haste não podemos verificar se este fragmento é de uma haste de um animal caçado ou de uma haste recolhida.

Esta primeira fase de ocupação do período romano parece marcada sobretudo pela recolocção de moluscos e possível dependência de caça, indican-

Quadro 3 – Partes do esqueleto dos mamíferos recuperados nos níveis datados da 2ª metade do séc. I.

	<i>Bos</i> sp.	<i>Ovis/Ca-</i> <i>pra</i>	<i>Sus</i> sp.	<i>C.</i> <i>elaphus</i>	Macro- fauna	Meso- fauna	Indet.
Esqueleto Cranial							
Haste/chifre		3		2			
Crânio					1	5	5
Maxilar							
Mandíbula			3		3		
Dentes	1	1	2				
Esqueleto axial							
Costelas					11	12	
Vértebras					1		
Vértebras cervicais					1	1	
Sacro						1	
Membro Anterior							
Escápula			2		1	2	
Úmero		1			1		
Cúbito			1				
Metacarpo		1					
Membro Posterior							
Pélvis				2	6	1	
Fémur		2	1		3	1	
Tíbia				2	1	2	
Calcâneo	1						
Metatarso	1	1		1			
Ossos longos					18	12	
Ossos indeterminados					19	8	31
TOTAL	3	9	9	7	66	45	36

Quadro 4 – Partes do esqueleto dos mamíferos recuperados nos níveis datados do Baixo Império.

	<i>Bos</i> sp.	<i>Ovis/Ca- pra</i>	<i>Sus</i> sp.	<i>C. elaphus</i>	Macrofau- na	Mesofau- na	Indet.
Esqueleto							
Cranial							
Haste/chifre		1					
Crânio					2	4	7
Maxilar							
Mandíbula		5	3		6	3	
Dentes	1	10	10	4			
Esqueleto							
Axial							
Atlas			1	1			
Áxis					2		
Costelas					6	24	10
Vértebras						1	
Vértebras Cer- vicais						3	
Vértebras torácicas						2	
Vértebras Lombares						4	
Sacro							
Membro							
Anterior							
Escápula			1			3	
Úmero			1				
Rádio		1					
Cúbito					1		
Carpo							
Metacarpo	1		0,5				
Membro							
Posterior							
Pélvis					1	2	
Fémur		2		1	1		
Tíbia		1	1	1			
Fíbula			1				
Calcâneo	1		1				
Astrágalo							
Metatarso			0,5	1			
Metápode	1		1				
Falange I	1			1			
Falange II							
Falange III			1				
Ossos longos					11	15	
Ossos indeter- minados					3	2	50
TOTAL	5	20	22	9	33	63	67

do que talvez se trate de uma ocupação de carácter sazonal ou menos permanente. A amostra extremamente diminuta quanto aos vertebrados não permite qualquer conclusão. No entanto, aproximam-se dos resultados obtidos para a primeira fase de ocupação do sítio do Creiro, também na região de Setúbal (Detry & Tavares da Silva, 2016) com uma clara dependência da caça, indicando também uma provável ocupação não permanente. Outros sítios como a Ilha do Pessegueiro (Cardoso, 1993) também apresentam resultados semelhantes. Nos casos referidos, este tipo de resultados foi, porém, registado em locais de produção de preparados de peixe; na Rua António Joaquim Granjo, estaríamos perante um contexto de olaria de produção de ânforas lusitanas precoces, provavelmente piscícolas, podendo essa actividade ter sido igualmente sazonal.

O veado continua a ser uma espécie sempre presente nas épocas subsequentes deste conjunto, demonstrando não só que a caça de grande porte seria uma actividade importante, como prova a abundância da espécie nos arredores, provavelmente beneficiada pela presença de densas florestas.

Na segunda metade do século I d.C., o tipo de ocupação evidenciado pelos restos de fauna é bastante diferente com uma clara prevalência de espécies domésticas, como os caprinos, gado bovino e suídeos.

Apenas foram encontrados três elementos de *Bos taurus*, nomeadamente um dente, um metatarso e um calcâneo, todos elementos de partes da carcaça com pouca carne. Estes restos podem ser os restos de talhe de uma carcaça; no entanto, a amostra é demasiado pequena para poder confirmar esta suposição.

A ovelha e cabra estão representados no período de ocupação da 2ª metade do século I por partes com carne e sem carne. O porco (ou javali) apresenta um padrão semelhante e com o mesmo número de restos determinados que os caprinos. O veado, com números ligeiramente semelhantes, oferece o mesmo padrão.

Ainda quanto aos restos de suídeos, nenhum deles mostrou elementos passíveis de ser mensuráveis, sendo assim difícil de saber se se trata da espécie doméstica ou selvagem. Nenhum elemento parece traduzir tamanhos compatíveis com javali,

mas sabendo da dificuldade da distinção destas espécies já detectada por outros autores (Albarella *et al.*, 2005), teremos que usar alguma precaução ao assumir uma identificação como espécie doméstica. Para além disso, a presença de veado na amostra atesta a capacidade de caça de grande porte bem como a presença de ambientes propícios também ao javali, espécie que ainda hoje é aliás frequente na região da Arrábida.

Durante o Baixo Império, os restos depositados voltam a demonstrar a preferência pelos animais domésticos de menor porte como os caprinos e o porco. Nos selvagens, continuam a ocorrer veado e, muito provavelmente, javali (continuamos sem evidências directas de elementos com tamanho compatível com esta espécie). Todas estas espécies apresentam o mesmo padrão de uso da carcaça, tal como em períodos anteriores: as partes com carne e sem carne encontram-se igualmente presentes. O gado bovino é a espécie menos explorada deste conjunto, representada mais uma vez por partes sem carne.

No Período Islâmico (Quadro 1) a ovelha e/ou cabra reforçam a sua prevalência nas espécies mais consumidas; o veado aparece logo em segundo lugar, demonstrando a preferência pela caça de grande porte, típica do Período Islâmico, como foi notado anteriormente por Detry, Cardoso & Correia (2014). O Javali continua sem apresentar evidências claras de presença nos elementos registados.

Dois elementos de vaca foram também recolhidos, mas pertencem, mais uma vez, a partes sem carne: uma segunda falange e um rádio distal, sendo o reduzido número de peças muito pouco informativo sobre o uso desta espécie por estas populações.

Os suídeos, muito provavelmente a maioria, pertencem a porco doméstico; apresentam elementos de partes da carcaça com carne. Nomeadamente, foi recuperada uma diáfise de úmero com marcas de ter sido cortada com um cutelo, demonstrando como muito provável o consumo de carne de porco. Embora a percentagem de porco seja inferior à dos períodos anteriores, a sua presença e consumo no Período Islâmico é clara, não sendo também o único sítio onde isso acontece. No trabalho de Fernandes, Cardoso & Detry (2012) foi detectada a

Quadro 5 – Partes do esqueleto dos mamíferos recuperados nos níveis datados do Período Islâmico.

	<i>Sus sp.</i>	<i>Ovis/Ca- pra</i>	<i>C. elaphus</i>	Macrofau- na	Mesofau- na	Indet.
Esqueleto						
Cranial						
Haste/chifre		1				
Crânio				2	2	1
Maxilar						
Mandíbula		4			3	
Dentes	2	20				
Esqueleto						
Axial						
Atlas			1			
Áxis		1				
Costelas				6	69	
Vértebras					12	
Vértebras Cervicais				1	2	
Vértebras Torácicas					4	
Vértebras Lombares					1	
Sacro						
Membro						
Anterior						
Escápula	1	3		1	7	
Úmero	1	1				
Rádio		5			1	
Cúbito		1			2	
Carpo						
Metacarpo	1	1	1			
Membro						
Posterior						
Pélvis			2	1	3	
Fémur				6	2	
Patela			1	7		
Tíbia			3			
Fíbula			2			
Calcâneo	2	2	2			
Astrágalo						
Metatarso		1				
Metápode						
Falange I		1	1			
Ossos longos				155	84	
Ossos indeter- minados				26		112
TOTAL	7	41	13	205	192	113

mesma tendência de consumo de porco no Castelo de Palmela, bem como em Conímbriga (Detry, Cardoso & Correia 2014). De facto, a tendência para o consumo de carne de suídeo aumenta de Sul para Norte: na região do Algarve, praticamente nunca se encontram restos de porco, que atingem 20% em Conímbriga (Detry, Cardoso & Correia, 2014). Este aspecto explica-se provavelmente pelo facto da influência cultural do islamismo diminuir de sul para norte, já que também a ocupação árabe foi igualmente mais ténue no Norte. O consumo de carne de porco pode ser também atribuído a cristãos que conviveram com os árabes, como é o caso dos moçárabes e que de modo mais ou menos privado continuaram a manter alguns costumes próprios de cristãos, nomeadamente o consumo de porco. Na verdade, estes resultados, que têm aparecido consistentemente no registo arqueológico, parecem demonstrar que uma coisa são os preceitos religiosos e outra são as práticas do dia a dia, menos rígidas e de raiz menos profunda em algumas regiões.

Quadro 6 – Número de dentes recuperados nas camadas datadas da 2ª metade do Séc. I d.C.

	<i>Bos sp.</i>	<i>Ovis/Capra</i>	<i>Sus sp.</i>
Dentes superiores			
Molar	1	1	1
Dentes inferiores			
Canino			1
Total	1	1	2

Uma ocupação por populações novas não substituiu completamente as populações locais, nem muito menos desaparecem costumes mais enraizados.

Outra espécie que é bastante apreciada no Período Islâmico é o coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*): a sua presença aumenta bastante neste período cronológico, demonstrando que a caça de menor porte é favorecida nesta fase.

Quanto a carnívoros, foram registados apenas três elementos de canídeos no Período Islâmico, um

Quadro 7 – Número de dentes recuperados nas camadas datadas do Baixo Império.

	<i>Bos sp.</i>	<i>Ovis/Capra</i>	<i>Sus sp.</i>	<i>C. elaphus</i>
Dentes superiores				
Canino			(1)	
Molar 2				(1)
Molar 3				(1)
Molar		1		
Dentes inferiores				
Incisivo	1		1	
Canino			1	
Pré-molar 2		(1)	(1)	
Pré-molar 3			(1)	
Pré-molar 4		(1)	(1)	
Molar 1		(1)	(1)	
Molar 2		(1)	(1)	
Molar 3			1(1)	1
Molar 1/2		3(1)		1
Molar		1		
Total	1	10	10	4

Quadro 8 – Número de dentes recuperados nas camadas datadas do Período Islâmico.

	<i>Ovis/Capra</i>	<i>Sus sp.</i>	<i>O. cuniculus</i>
Dentes superiores			
Pré-molar	1		
Molar 3		1	
Molar	1		
Dentes inferiores			
I	2	1	
dp2	(1)		
dp3	(1)		
dp4	(2)		
Pré-molar 2	(2)		
Pré-molar 3	(2)		
Pré-molar 4	(2)		
Molar 1	(2)		
Molar 2	(2)		
Molar 3	1		
Molar	1		8
Total	20	2	20

atlas atribuível a cão proveio de camadas da 2ª metade do século I. De contexto do Baixo Império, recuperou-se um cúbito de *Canis cf. lupus* (lobo); este elemento apresentava um tamanho compatível com o da espécie selvagem, não sendo possível excluir que se trate de um cão de grande porte, já que pelo menos no período romano é possível encontrarem-se cães com alguma variação morfológica (ref), incluindo morfotipos de maior porte.

Ainda na ocupação da 2ª metade do século I, registou-se a presença de uma diáfise de fémur provavelmente pertencente a raposa (*Vulpes vulpes*). Como neste caso não temos a presença das articulações, não é possível excluir completamente poder tratar-se de um cão doméstico de pequeno porte, embora nos morfotipos de tamanho reduzido os ossos se apresentem mais tortos, o que não se observa neste exemplar.

Por fim, referimos a presença de uma pélvis de *Rattus rattus* no Período Islâmico. A ratazana

é uma espécie normalmente associada a lixeiras, sendo por isso natural encontrar a sua presença neste contexto.

Aves

As aves são a segunda classe de vertebrados mais frequente no conjunto recuperado na Rua António Joaquim Granjo. A maioria dos restos atribuíveis a Aves não foi possível identificar ao nível específico. A natureza frágil dos seus ossos prejudica a preservação destes restos e consequentemente a sua correcta identificação.

Entre os restos identificáveis, a larga maioria pertence a galinha-doméstica (*Gallus domesticus*). A sua presença terá sido ocasional até ao Período Islâmico, a partir do qual terá constituído uma parte importante da dieta.

A perdiz-vermelha (*Alectoris rufa*) aparece

em todos os períodos, mas em números muito reduzidos. Estes elementos são normalmente muito pequenos; facilmente podem não ser recolhidos se a malha do crivo não for inferior a 1mm (Moreno-Garcia & Detry, 2010). De facto, este aspecto pode ter afectado a presença desta espécie, já que a actividade cinegética de espécies de menor porte está atestada pela presença de coelho.

Quanto aos anatídeos, foram registados um úmero e um tarso-metatarso nos níveis do Baixo Império, muito provavelmente pertencentes a indivíduos selvagens, tendo em conta que esta espécie só começou a fazer parte do contexto doméstico no séc. XVII. Para além disso, a cidade de Setúbal está localizada num estuário e o ganso selvagem seria abundante aqui. Dentro ainda dos anatídeos, foram registados um rádio em camada da 2ª metade do século I, provavelmente pertencente a *Anas platyrhynchos* (pato-real) e um tarso-metatarso de *Anas* sp., em contexto do Período Islâmico, provavelmente também da mesma espécie de anatídeo. A caça de Aves no estuário do Sado aconteceria provavelmente de modo ocasional.

Por fim, foram registados dois rádios de *Columba palumbus* (pombo-torcaz) presente um na 2ª metade do século I, e outro nos níveis do Baixo Império. Esta espécie ocupa muitas vezes ruínas ou zonas rochosas; neste caso pode ter ocupado este sítio arqueológico em alturas de abandono.

Conclusão

Este conjunto, que começa a ser depositado durante a ocupação da cidade romana de *Caetobriga* e que hoje se localiza no centro de Setúbal, apesar de relativamente pequeno, abre uma pequena janela sobre as vivências dessa população desde o Período Romano ao Período Medieval Islâmico.

A amostra maior e mais diversificada provém dos níveis datados do Período Islâmico. Durante este período não só a caça de grande porte apresentava um papel importante como se verifica o consumo de carne de porco, sugerindo que as restrições religiosas ao consumo de porco não seriam rígidas ou demasiado influentes.

O Período Romano tem neste conjunto uma expressão mais ténue, mas, tal como nos períodos posteriores, demonstra grande dependência do meio aquático, facilmente explicável pela proximidade do estuário e orla costeira.

Agradecimentos

Agradecemos ao Laboratório de Arqueociências da Direcção Geral do Património Cultural pela disponibilidade de acesso à colecção de referência para identificar alguns dos elementos para este estudo, nomeadamente na pessoa de Simon Davis e Carlos Pimenta. Gostaríamos de referir um agradecimento especial à Sónia Gabriel, da mesma instituição, pela ajuda na identificação dos peixes.

Referências bibliográficas

- Albarella, U.; Davis, S.; Rowley-Conwy, P.; Detry, C. (2005) – Pigs of the ‘Far West’: a biometrical study of wild boar and pig remains from archaeological sites in Portugal. *Anthropozoologica*, 40 (2), p. 27-54.
- Cardoso, J. L. (1993) – Restos de grandes mamíferos da ilha do Pessegueiro. Contribuição para o conhecimento da alimentação na época romana. In C. Tavares da Silva, J. Soares (eds.), *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana*, Anexo III, p. 205-215.
- Detry, C.; Tavares da Silva, C. (2016) – Estudo zooarqueológico dos restos recuperados no estabelecimento industrial romano do Creiro (Arrábida, Setúbal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 19, p. 235-248.
- Detry, C.; Cardoso, J. L.; Correia, V. (2014) – What did the Romans and Moslems eat in Conimbriga? The animal bones from the 1990’s excavations. In C. Detry, R. Dias (eds.), *Proceedings of the First Zooarchaeology Conference in Portugal*. British Archaeological Reports, 2662, p. 97-110.
- Driesch, A. von den (1976) – *A guide to the measurement of animal bones from archaeological sites*. Harvard University, Peabody Museum of Archaeology and Ethnology.

- Fernandes, I.; Cardoso, J. L.; Detry, C. (2012) – Cozinhar e comer no Castelo Medieval de Palmela. In S. Gómez Martínez (ed.), *Memória dos sabores do Mediterrâneo*. Campo Arqueológico de Mértola/Centro de Estudos Arqueológicos de Coimbra e Porto, p. 113-128.
- Grant, A. (1982) – The use of tooth wear as a guide to the age of domestic ungulates. In B. Wilson, C. Grigson, S. Payne (eds.), *Ageing and sexing animal bones from archaeological sites*. BAR British Series 109. Oxford, p. 91-108.
- Moreno-García, M.; Detry, C. (2010) – The dietary role of hens, chickens and eggs among a 17th-century monastic order: the Clarisse of Santa Clara-a-Velha, Coimbra (Portugal). In *Birds in Archaeology, Proceedings of the 6th Meeting of the ICAZ Bird Working Group in Groningen* (23.8 - 27.8.2008), Groningen.
- Payne, S. (1987) – Reference codes for wear states in the mandibular teeth of sheep and goats. *Journal of Archaeological Science*, 14, p. 609-614.
- Payne, S.; Bull, G. (1988) – Components of variation in measurements of pig bones and teeth, and the use of measurements to distinguish wild from domestic pig remains. *Archaeozoologia*, II (1, 2), p. 27-66.
- Soares, J. (2000) – Arqueologia urbana em Setúbal: problemas e contribuições. *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: IPA, p.101-130.
- Tavares da Silva, C.; Coelho-Soares, A. (2016) – Creiro (Arrábida): um estabelecimento de produção de preparados de peixe da Época Romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 19, p. 115-122.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Wrench, L. (2010) – Os primeiros mosaicos romanos descobertos em Caetobriga. *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 3, p. 149-164.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Coelho-Soares, A.; Duarte, S.; Godinho, R. (2014) – Preexistências de Setúbal. 2ª campanha de escavações arqueológicas na Rua Francisco Augusto Flamengo, nos 10-12. Da Idade do Ferro ao Período Medieval. *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 4, p. 161-214.